



Nas Margens do Catolicismo

A TRAVESSIA PARA ALÉM DAS
FRONTEIRAS DA ORTODOXIA

André H. Rodrigues

NAS MARGENS DO CATOLICISMO

André Henrique Rodrigues

NAS MARGENS DO CATOLICISMO

A travessia para além das fronteiras da Ortodoxia

KDP

Kindle Direct Publishing (2025) -- André Henrique Rodrigues.

Nos termos da legislação protetora dos direitos autorais, e em especial da lei nº 9.610 de 1968, é proibida, para fins comerciais, a distribuição, retransmissão, armazenamento e reprodução total ou parcial desta obra, por qualquer meio ou forma, seja eletrônica, mecânica ou outra, sem o consentimento expresso por escrito do autor, sujeitando-se o transgressor às sanções civis e penais cabíveis. Todos os direitos reservados.

FICHA CATALOGRÁFICA BÁSICA FEITA PELO AUTOR

RODRIGUES, André Henrique.

Nas Margens do Catolicismo: A travessia para além das fronteiras da Ortodoxia/ André Henrique Rodrigues – Sorocaba: Edição de autor, 2025.

101 p.

Inclui bibliografia.

1. Teologia 2. Dogmática Católica 3. Exposição crítica I. Título.

André Henrique Rodrigues é Bacharel em Direito, Especialista em Direito Processual Civil e estudioso independente de Filosofia (ênfase em Metafísica, Epistemologia e Lógica). Foi conciliador judicial (TJ-SP), analista jurídico (MP-SP) e atualmente é advogado registrado na OAB/SP. É autor da obra “Análise e Verdade: investigações de filosofia (sistemática)” (Dialética, 2024) e coautor da obra coletiva “O Direito em Épocas Extraordinárias” (D’Plácido, 2020).

“Uma vez que, em meio a tanta quantidade de palavras, algumas das afirmações dos santos não só se mostram diferentes entre si, mas também parecem até mesmo contraditórias, não é imprudente julgá-las, pois são aqueles por quem o próprio mundo deve ser julgado, como está escrito: 'Os santos julgarão as nações'; e novamente: 'Vós também se assentareis, julgando?'. Não devemos presumi-los como mentirosos ou desprezá-los como errôneos, aqueles aos quais o Senhor disse: 'Quem vos ouve, a mim ouve; e quem vos despreza, a mim despreza'. Portanto, ao recorrermos à nossa própria fraqueza, devemos acreditar que nos falta mais graça para entender do que faltou a eles ao escrever, aqueles a quem a Verdade mesma disse: 'Não sois vós que falais, mas o espírito de vosso Pai é que fala em vós.'” (**Pedro Abelardo**)

“ἔστω δὲ ὁ λόγος ὑμῶν ναὶ ναί, οὐ οὐ· τὸ δὲ περισσὸν τούτων ἐκ τοῦ πονηροῦ ἐστίν.” [Seja, porém, a vossa palavra: ‘Sim, sim’; ‘não, não’; e o que for além disso, do maligno é.] - (**Evangelho de Mateus, 5:37**).

“Maldito eu seja porque injusto / Livremente escolhi contra meu senso / O que tão justamente agora eu sofro! / Quanto sou infeliz! Por onde posso / Fugir de sua cólera infinita / E de meu infinito desespero?... / Só o Inferno essa fuga me depara: / Eu sou Inferno pior! o outro, cavando / No fundo abismo, abismo inda mais fundo, / E ameaçando engolir-me em tais horrores, / Para mim fora um céu se o comparasse / Com este Inferno que em mim mesmo sofro! / Ai de mim! que afinal ceder me cumpre! / E como hei de mostrar que me arrependo? / Por que modo o perdão obter eu posso?” (“**Paraíso Perdido**”, **John Milton**).

“A ortodoxia nos faz pular junto à súbita borda do inferno.” (**G. K. Chesterton**)

Para o Papa Francisco, pela postura de abertura,
acolhimento, coragem e humildade.

SUMÁRIO

PREÂMBULO	9
INTRODUÇÃO	13
1. A NATUREZA DO INFERNO (I)	18
2. A ORIGEM DO MAL E O TEMA DA QUEDA	27
3. O PROBLEMA DO ESTATUTO DA FÉ	38
4. O CONSTERNANTE “LIMBO DOS INFANTES”	56
5. A NATUREZA DO INFERNO (II)	66
6. CONTRADIÇÕES EM TEOLOGIA MORAL	82
ENCERRAMENTO	96
BIBLIOGRAFIA	98

PREÂMBULO

(EXERCITIA HETERODOXIAE CATHOLICAE)

Considerando que a ortodoxia católica pode ser definida como a adesão fiel e consistente aos ensinamentos fundamentais da Igreja Católica, tal como expressos nas Sagradas Escrituras, na Tradição e no Magistério, os três pilares que formam o conjunto de doutrinas centrais, dogmas e práticas indispensáveis que constituem o núcleo da fé católica, sendo considerados elementos inegociáveis;

Considerando que a ortodoxia católica é caracterizada pela aceitação de crenças centrais atreladas a dogmas de fé, como a Trindade (Pai, Filho e Espírito Santo), a Encarnação (Cristo como verdadeiro Deus e verdadeiro homem), a Ressurreição, os Sacramentos (especialmente a Eucaristia como verdadeiro corpo e sangue de Cristo, segundo a doutrina da transubstanciação), a Imaculada Conceição de Maria, entre outros dogmas;

Considerando que a ortodoxia envolve a aceitação de que a autoridade interpretativa está com Magistério da Igreja, autoridade essa que é considerada divinamente inspirada para o fim de preservar e transmitir a fé cristã de forma correta (“depositum fidei”), e que, portanto, embora a Igreja possa desenvolver sua compreensão de certas doutrinas ao longo do tempo (o que se chama de “desenvolvimento doutrinal”), esse desenvolvimento preferencialmente deve estar em continuidade com a Tradição Apostólica, e de todo modo não contradizendo o que já foi definido como verdade de fé;

Considerando que a compreensão de certas doutrinas pode amadurecer e se aprofundar ao longo do tempo, à medida que a Igreja reflete sobre a fé em resposta a novos desafios culturais, científicos e filosóficos, e que, por conseguinte, uma ortodoxia equilibrada impõe limites fundamentais, mas que não necessariamente imobilizam o pensamento teológico, e sim fornecem uma estrutura dentro da qual a reflexão teológica pode ocorrer de maneira criativa e dinâmica, em diálogo com o mundo contemporâneo;

Considerando, nesse sentido, que certa visão desequilibrada da ortodoxia católica pode acabar por impor, em alguma medida, um “enrijecimento intelectual”, e mesmo gerar, de forma voluntária ou não, um “engessamento” do pensamento e da reflexão teológica, inclusive fazendo com que, por vezes, o pensamento católico permaneça parcialmente atado a uma imobilidade de fórmulas doutrinárias e à imutabilidade de algumas concepções teológicas;

Considerando, ainda, que as Sagradas Escrituras ¹ falam de uma “igreja de Deus vivo, coluna e fundamento da verdade” (1 Timóteo, 3:15), e que o próprio Cristo diz a respeito de si mesmo: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida” (João 14:6);

Considerando que o Catecismo da Igreja Católica ² diz, no Cânon 1260, que “Todo homem que, desconhecendo o Evangelho de Cristo e sua Igreja, procura a verdade e pratica a vontade de Deus segundo seu conhecimento dela pode ser salvo”;

Considerando que o Cânon 215 afirma que “Deus é a própria Verdade, suas palavras não podem enganar. É por isso que podemos entregar-nos com toda a confiança à verdade e à fidelidade de sua palavra em todas as coisas”;

Considerando que o Cânon 890 declara que “O Magistério da Igreja [está] a serviço da verdade: [e que] o ofício pastoral do Magistério está, assim, ordenado ao cuidado para que o Povo de Deus permaneça na verdade que liberta”;

Considerando a “Profissão de Fé”, no Artigo 2, item 171, que diz: “A Igreja, que é «coluna e apoio da verdade» (1 Tm 3, 15), guarda fielmente a fé transmitida aos santos de uma vez por todas (49). É ela que guarda a memória das palavras de Cristo. É ela que transmite, de geração em geração, a confissão de fé dos Apóstolos. Tal como uma mãe ensina os seus filhos a falar e, dessa forma, a compreender e a comunicar, a Igreja, nossa Mãe, ensina-nos a linguagem da fé, para nos introduzir na inteligência e na vida da fé”;

¹ BÍBLIA DE JERUSALÉM. Segunda Edição. São Paulo: Ed. Paulus, 2002.

² CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Edição revisada de acordo com o texto oficial em latim. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Edições Loyola, 1999.

Considerando o CIC no Cânon 1731, que diz: “A liberdade é a capacidade de escolher e agir de acordo com a própria razão e vontade. É um aspecto fundamental da dignidade da pessoa humana. A liberdade é o caminho para a realização pessoal e para o cumprimento da vocação humana”;

Considerando a Constituição sobre a Igreja na Modernidade: “Gaudium et Spes”, publicada no seio do Concílio Vaticano II (1965), item 16 ³: “A Igreja [...] proclama a liberdade da pessoa e o seu direito de buscar a verdade religiosa. [...] Em relação ao pensamento teológico, a Igreja promove a liberdade de investigação teológica e a busca da verdade, desde que isso não contradiga a doutrina fundamental da Igreja”;

Considerando a Instrução sobre a Liberdade Religiosa do Concílio Vaticano II (1965) – “Dignitatis Humanae” ⁴ que diz: “A Igreja [...] afirma o direito à liberdade religiosa, pois é uma expressão da dignidade da pessoa humana e da busca pela verdade. A liberdade religiosa deve garantir a liberdade de pensamento e de expressão religiosa”;

Considerando a Encíclica “Fides et Ratio” (1998) do Sumo Pontífice São João Paulo II ⁵, em que se lê: “A busca da verdade exige uma liberdade autêntica, que inclui a liberdade de investigar e discutir a doutrina teológica. A Igreja, enquanto guardiã da verdade revelada, encoraja uma investigação teológica que respeite a fé e a doutrina da Igreja”;

Considerando a Instrução da Congregação para a Doutrina da Fé (1990) – “Donum Veritatis” ⁶, documento emitido sob a liderança do Cardeal Ratzinger (futuro Papa Bento XVI), que proclama que: “Os teólogos, enquanto investigam a verdade revelada, exercem sua liberdade teológica dentro do respeito pela doutrina da

³ COMPÊNDIO DO VATICANO II: constituições, decretos, declarações. Introdução e índice analítico de Frei Boaventura Kloppenburg. 31ª Edição. São Paulo: Vozes, 2015.

⁴ Ibid.

⁵ SÃO JOÃO PAULO II. Encíclicas de João Paulo II. Documentos da Igreja. 2ª edição. São Paulo: Paulus, 2020.

⁶ CARD. JOSPEH RATZINGER. Istruzione «Donum veritatis» sulla vocazione ecclesiale del teologo. Testo latino e italiano. Ediz. Multilingue. Congregazione per la Dottrina della Fede. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana. 1992.

Igreja. A liberdade teológica é legítima e necessária, mas deve sempre estar subordinada à fé da Igreja e à sua autoridade magisterial”;

MAS, considerando também e sobretudo que:

(i) NÃO PODE haver efetivo e real avanço teológico sem modificações circunstanciais e parciais de doutrinas religiosas ortodoxas, com a necessária manutenção de um núcleo ortodoxo teológico e doutrinal mínimo que impeça a descaracterização significativa das verdades de fé reveladas; que

(ii) uma liberdade teológica autêntica SEMPRE traz em si a possibilidade de gerar uma tensão com doutrinas tradicionais; que

(iii) NÃO se estará rejeitando nestes Exercitia, conscientemente e obstinadamente, as doutrinas da Igreja e a Autoridade do Magistério, mas apenas buscando explorar e questionar conceitos teológicos; e que

(iv) uma heresia envolve, necessariamente, a rejeição consciente e obstinada de doutrinas definidas pela Igreja;

Temos para nós, EM CONCLUSÃO PRELIMINAR, que as reflexões ora trazidas à lume unicamente propõem um diálogo respeitoso e aberto com a Tradição da Igreja, tendo por estrita finalidade fazer avançar, em matéria teológico-filosófica, alguns temas importantes para uma compreensão mais equilibrada e coerente da Doutrina e da Teologia Católicas, para o bem da religião e da Igreja.

E só se pode fazer avançar a Teologia e a Doutrina se deixarmos parcimoniosamente o campo da atual ortodoxia para exercitarmos uma heterodoxia equilibrada que, ao mesmo tempo em que rejeita qualquer posição herética, desafia os limites da visão ortodoxa ora estabelecida.

INTRODUÇÃO

O pensamento filosófico e teológico, quando conduzido com rigor e honestidade, jamais se limita a reafirmar o já estabelecido. A Tradição, por mais venerável que seja, é um campo de forças em tensão permanente: nela, a Verdade não se reduz a um repositório imutável de sentenças, mas abarca um horizonte que continuamente desafia aqueles que ousam buscá-la com firme e reto propósito. A ortodoxia, em seu sentido mais estrito, reivindica para si o direito de delimitar esse horizonte, fixando fronteiras que separam o aceitável do herético, o legítimo do suspeito. No entanto, há um risco inerente à uma estéril imobilidade dogmática: a cristalização do pensamento em formas inertes, a substituição da busca viva da Verdade pela aceitação passiva de fórmulas enferrujadas pelo tempo.

Esta obra nasce do impulso de explorar as margens da ortodoxia católica sem, no entanto, rejeitá-la gratuitamente. Trata-se de um exercício de heterodoxia consciente e disciplinada, que se propõe a tensionar os limites do pensamento teológico e filosófico dentro da tradição cristã. Não há aqui uma rejeição da fé, mas uma tentativa de compreendê-la de maneira mais profunda, confrontando-a com os problemas e desafios que a razão e a experiência impõem. A verdade, se de fato é impositiva e indeformável, não teme o questionamento, nem se desestabiliza diante da dúvida: ao contrário, fortalece-se no embate com o pensamento crítico e se refina na forja incandescente da contra-argumentação.

Os **Exercitia Heterodoxiae Catholicae** percorrem questões fundamentais da teologia, da metafísica e da ética cristã, questionando conceitos muitas vezes tomados como definitivos. A doutrina tradicional do inferno como castigo, por exemplo, pode ser justificada à luz da Justiça divina? A eternidade da pena condiz com a infinita misericórdia de Deus? Ou ainda: o pecado original é a única explicação para o mal no mundo, ou há uma estrutura mais profunda na criação que inevitavelmente envolve sofrimento e imperfeição? A fé é um ato voluntário, ou uma disposição infusa que transcende a autonomia individual? Cada uma dessas interrogações conduz a outras, e o pensamento que se inicia em uma dúvida sincera raramente se encerra em uma conclusão definitiva.

O método adotado não é o da desconstrução arbitrária ou da mera crítica negativa, mas o da exploração rigorosa e meticulosa de alguns dos pilares da doutrina cristã. Se a fé é um assentimento da razão iluminada pela graça, então deve ser possível examiná-la sem medo, colocando-a à prova da coerência interna e do confronto com os dados da experiência. A ortodoxia não se define apenas pelo que afirma, mas também pelo que silencia; e é precisamente no espaço deixado por esses silêncios que a reflexão filosófica deve atuar.

Neste sentido, a heterodoxia aqui proposta não é um rompimento deliberado, mas um aprofundamento investigativo. É a tentativa de pensar os pressupostos da fé e as premissas da Doutrina e da Teologia de maneira mais ampla, reconhecendo que a tradição teológica, longe de ser um bloco monolítico, sempre foi um campo de disputas, interpretações e desenvolvimentos. Tomás de Aquino não repetiu Agostinho sem questioná-lo, assim como o Concílio de Trento não reafirmou os Padres sem reinterpretá-los. O pensamento cristão sempre viveu da tensão entre continuidade e renovação, entre a fidelidade e a crítica.

Portanto, os leitores que se aventurarem por estas páginas devem estar dispostos a um duplo desafio: primeiro, a abandonar a segurança do já conhecido, aceitando o risco inerente ao questionamento profundo; segundo, a manter a disciplina intelectual necessária para não confundir liberdade de pensamento com relativismo arbitrário. A Verdade, se for digna desse nome, exige compromisso e rigor.

O título desta obra, “Nas Margens do Catolicismo: A Travessia para Além das Fronteiras da Ortodoxia”, foi pensado de modo a conter um simbolismo profundo que traduz a posição filosófica e teológica assumida ao longo dessas reflexões. As margens são o lugar do limiar, da tensão entre o dentro e o fora, entre a permanência e a partida. Estar nas margens do catolicismo significa ainda habitar seu território, mas não mais no centro, onde a ortodoxia reina absoluta; significa reconhecer sua influência, sua força estruturante, mas sem mais submeter-se passivamente a ela. Nas margens, a ortodoxia já não é inquestionável, algumas de suas certezas começam a se dissolver, e aquilo que antes parecia sólido revela-se fluido, instável, permeável à crítica. É um espaço onde os pontos sensíveis são confrontados, onde a autoridade doutrinária da Igreja já não impõe obediência cega em toda medida e situação, e onde a razão se move livremente sem as amarras do interdito e da condenação, no “vai-e-vem” das correntes d’água.

As margens do catolicismo são também o território do risco e da possibilidade. Ali, o pensamento pode se voltar tanto para dentro, revisitando as estruturas da fé com um olhar crítico, quanto para fora, explorando horizontes desconhecidos que se abrem além das fronteiras do pensamento tradicional. Estar nas margens significa manter um pé dentro da ortodoxia e outro já fora dela, observando-a com o distanciamento necessário para perceber suas contradições,

mas sem ainda ter cortado definitivamente os laços que a vinculam à busca da verdade. É o lugar onde a dúvida já se instaurou, mas a ruptura ainda não se consumou; onde a ortodoxia já não convence plenamente, mas onde a negação total não se impõe como alternativa.

E então vem a travessia. Porque estar nas margens é também estar diante de uma escolha inevitável: permanecer ali, à beira, oscilando entre o ímpeto e a recusa, ou lançar-se para além das fronteiras da ortodoxia. A travessia é o movimento que rompe a hesitação, que não se contenta em apenas questionar, mas exige um passo adiante, uma saída da estrutura dogmática engessada e inquestionada para um pensamento verdadeiramente livre. Não se trata apenas de criticar a ortodoxia, mas de ver o que há além dela. O que revela a anatomia do catolicismo quando parte de suas doutrinas fundamentais são submetidas a um exame rigoroso? Há algo na ortodoxia disputada que sobrevive e se move adiante, em ricochete, após a implosão de parte do edifício teológico tradicional? Ou será que, ao cruzar essa fronteira, descobrimos um horizonte inteiramente novo, a partir do qual a dependência de uma fé dogmática insuficiente se dissolve, dando lugar a outra forma de descrever a relação com o Absoluto?

A travessia é, portanto, um ato de coragem intelectual. Não é um abandono irracional da tradição ortodoxa, mas um enfrentamento consciente de seus limites. É o reconhecimento de que permanecer nas margens indefinidamente não é uma opção viável para quem busca a verdade de maneira radical. É preciso voltar ao centro do rio, agora em outra altura do curso d'água, e arriscar-se em novas águas profundas. A travessia exige desapego, pois não se pode atravessar carregando consigo os restos obsoletos da ortodoxia. Mas também exige honestidade, pois não se trata de um salto no vazio, e sim de um percurso orientado pela razão, pela crítica e pela integridade do pensamento.

Este livro não é nem pretende ser um mapa, pois estaríamos nos colocando em uma situação que não pertence nem diz respeito à reflexão filosófico-teológica. Ele é, isto sim, um chamado à travessia. Não oferece respostas fáceis, mas expõe as falhas do sistema ortodoxo católico de tal forma que a permanência dentro dele se torna insustentável para quem valoriza a coerência intelectual e o rigor lógico-conceitual. Se há um caminho além das margens, ele só pode ser descoberto por aqueles que se dispõem a atravessar para além do território do familiar e do confortável. É preciso assumir o risco.

A travessia proposta nesta obra, portanto, ecoa simbolicamente a ideia de Êxodo, um movimento de saída que, na tradição bíblica, representa tanto a libertação quanto o risco da incerteza. O Êxodo do patriarca Abraão, que deixou sua terra para embarcar numa aventura rumo ao desconhecido, é, como não poderia deixar de ser, uma das mais emblemáticas jornadas de fé. O Êxodo dos hebreus que os conduziu para longe do Egito não foi apenas uma fuga da opressão, mas uma

jornada rumo ao desconhecido, à promessa de uma terra onde poderiam reconstruir sua identidade livre das estruturas que os aprisionavam.

A travessia para além da ortodoxia católica segue um percurso semelhante: abandonar o território familiar da doutrina, com suas respostas prontas e sua estrutura rígida, significa entrar em um espaço aberto, onde a verdade precisa ser buscada sem as proteções da tradição institucional. As margens do catolicismo são como as fronteiras do “Egito teológico”; a travessia exige o desprendimento da ortodoxia e a coragem de caminhar por um deserto intelectual, onde certezas anteriores perdem sua solidez e novas compreensões precisam ser construídas sem a garantia de um destino previamente assegurado.

Ao mesmo tempo, essa travessia encontra ressonância na noção de uma “Igreja em saída”, tão encarecidamente defendida pelo Papa Francisco. Quando o Sumo Pontífice propõe uma Igreja que não se fecha em si mesma, mas que sai de suas estruturas para encontrar o mundo, ele reconhece que a fé não pode se limitar a um enclave seguro e isolado, mas deve estar em constante movimento, em diálogo com a realidade. No entanto, essa saída, no contexto do catolicismo oficial, ainda é restrita por um compromisso inquebrantável com a ortodoxia. Francisco deseja uma Igreja que vá às periferias; a proposta aqui é similar: chegar à periferia teológica para arriscar ali alcançar certa heterodoxia que tantas vezes foi injustamente excluída das posições do catolicismo institucionalizado. A travessia proposta, portanto, leva a ideia do papa Francisco a um patamar mais radical: não apenas uma saída para o mundo, mas uma saída do próprio sistema de crenças ortodoxo, um deslocamento que não apenas expande a Igreja, mas questiona parcela de sua vetusta e desgastada fundação doutrinária.

Se a ortodoxia católica se entende como um território fixo, delimitado por linhas estritamente traçadas no chão, então a travessia para além dessas fronteiras é vista como um risco, uma ameaça, um exílio. Mas o Êxodo também deve ser interpretado como um chamado à libertação, uma ruptura necessária para que o verdadeiro sentido da fé possa emergir. Da mesma forma, esta obra propõe que apenas se nos afastarmos das amarras da ortodoxia pode-se descobrir se há algo genuíno na experiência religiosa que não dependa da estrutura dogmática ortodoxa. É um chamado a um deslocamento que não se contenta com uma simples reinterpretação pontual, mas que busca compreender se há algo para além da ortodoxia que também seja digno de ser chamado de verdade.

Se ao final deste percurso alguns pontos ortodoxos permanecerem inabalados, terão sido reforçados pelo exame crítico. Se outros parecerem necessitar de revisão, que isso seja feito não como um gesto de “iconoclastia”, mas como um ato de responsabilidade intelectual. A fé autêntica não se sustenta na aceitação irrefletida, mas na disposição de enfrentá-la com toda a seriedade que a busca da verdade exige.

Este livro não pretende encerrar debates, mas abri-los. Não aspira a oferecer respostas definitivas, mas a ampliar o campo das perguntas legítimas. Pois onde há pensamento vivo, há inquietação; e onde há inquietação, há movimento em direção àquilo que ainda não foi plenamente compreendido, mas que, como parte da verdade, merece ser encontrado.

1. A NATUREZA DO INFERNO (I)

Estes primeiros exercícios de heterodoxia oferecem uma análise crítica da doutrina do inferno e temas adjacentes, abordando a proporcionalidade da pena, a natureza da justiça divina, a misericórdia infinita e as limitações da condição pecadora humana. Esta discussão compreende um desafio apresentado a uma certa visão ortodoxa e convida a uma reconsideração dos fundamentos teológicos da doutrina do inferno.

A análise oferece um convite para um diálogo mais amplo sobre a natureza da justiça divina e a correção das doutrinas tradicionais relacionadas ao inferno, com o objetivo de promover uma compreensão mais equilibrada e coerente da relação entre pecado, punição e redenção, tendo por base quatro tópicos teológicos decisivos, a saber: proporcionalidade e justiça retributiva/restaurativa, infinitude dos atributos divinos e a misericórdia, limitações da condição humana em confronto com o livre-arbítrio e a plenitude de consciência, e a noção do mal definitivo do inferno como autoexclusão em confronto com uma interpretação punitiva pura.

INÍCIO

O Catecismo da Igreja Católica (CIC) aborda a natureza do inferno e a imutabilidade das escolhas após a morte em pontos específicos. Aqui abaixo estão os principais trechos relacionados a essas questões:

1. A natureza do inferno:

O Catecismo trata da natureza do inferno nos seguintes pontos:

[...]

BIBLIOGRAFIA

ANTIOQUIA, Santo Inácio de. Carta aos Efésios. In: Padres Apostólicos. 4ª Ed. São Paulo: Paulus, 1995.

AUGUSTINE, Saint. The Retractations. The Fathers of the Church: a new translation. Vol. 60. Translated by Sister Mary Inez Bogan, R. S. M. Washington, D. C.: The Catholic University of America Press, 1968.

BARTMANN, Bernardo. Teologia Dogmática. Vol. I: Revelação e fé - Deus - A Criação. 2ª Reimpressão. São Paulo: Paulinas, 1962.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Segunda Edição. São Paulo: Ed. Paulus, 2002.

BÍBLIA SAGRADA. Traduzida e comentada pelo Pe. Matos Soares e revista pelo Pe. Luiz Gonzaga da Fonseca, professor do instituto bíblico pontifício. 1ª Edição. Pentateuco. Porto: Tipografia Porto Médico L.da. Deposito Arte no Templo e no Lar, 1927.

CARD. JOSPEH RATZINGER. Istruzione «Donum veritatis» sulla vocazione ecclesiale del teologo. Testo latino e italiano. Ediz. Multilingue. Congregazione per la Dottrina della Fede. Città del vaticano: Libreria Editrice Vaticana.1992.

CATARINA DE SENA. O Diálogo. Tradução: João A. Basílio. São Paulo: Paulus, 1984.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Edição revisada de acordo com o texto oficial em latim. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Edições Loyola, 1999.

COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. A Esperança da Salvação para as Crianças que Morrem sem Batismo. Documentos da Igreja. Vol. 22. São Paulo: Paulinas, 2008.

COMPÊNDIO DO VATICANO II: constituições, decretos, declarações. Introdução e índice analítico de Frei Boaventura Kloppenburg. 31ª Edição. São Paulo: Vozes, 2015.

CRISÓSTOMO, São João. Comentários às Cartas de São Paulo. Tomo III. São Paulo: Paulus, 2010.

DENZINGER, Heinrich. Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral da Igreja Católica. Traduzido com base na 40a. edição alemã (2005), aos cuidados de Peter Hünermann, por José Marino Luz e Johan Koningsp. São Paulo: Ed. Loyola, 2006.

FEUERBACH, Ludwig. A Essência do Cristianismo. Petrópolis: Vozes, 2007.

LACROIX, Padre. Existe o Inferno?. 2ª Edição. Taubaté: Publicações S. C. J., 1937.

LEWIS, C. S. O Grande Abismo. São Paulo: Editora Vida, 2006.

LIGÓRIO, Santo Afonso Maria de. Preparação para a Morte. Tradução: Celso de Alencar. Dois Irmãos: MBC, 2022.

NIETZSCHE, Friedrich. Obras Incompletas. Seleção de textos de Gérard Lebrun; tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Ed. Nova Cultural, 1999.

PIO XII. Sobre o Apostolado das Parteiras. Documentos Pontifícios. Nº 82. Petrópolis: Editora Vozes Ltda., 1952.

POPOFF, Basil. The History of the Council of Florence. Edit. Rev. J. M. Neale. London: Joseph Masters, 1861.

QUEIRUGA, Andrés Torres. Repensar o Mal: da ponerologia à teodiceia. São Paulo: Paulinas, 2011.

RAHNER, Karl. Curso Fundamental da Fé: introdução ao conceito de cristianismo. São Paulo: Paulus, 1989.

SÃO JOÃO PAULO II. Encíclicas de João Paulo II. Documentos da Igreja. 2ª edição. São Paulo: Paulus, 2020.

SÉGUR, Mons. Louis-Gaston. O Inferno: se existe, o que é, como evitá-lo. Tradução e notas de Diogo Chiuso. 3ª edição. Campinas/SP: Ecclesiae, 2011.

The Canons and Decrees of the Council of Trent. Translated and Introduced by Rev H. J. Schroeder. Charlotte: Tan Books and Publishers, Inc., 2009.

TOMÁS DE AQUINO. Suma Teológica: a criação – o anjo – o homem. Vol. 2, Parte I – questões 44-119. São Paulo, Loyola, 2009.

TOMÁS DE AQUINO. Suma Teológica: a fé, a esperança, a caridade, a prudência. Vol. 5, II Seção da II Parte – questões 1-56. São Paulo, Loyola, 2012.

REFERÊNCIAS

BENTO XVI. Exortação Apostólica Pós-Sinodal Verbum Domini. Santa Sé. Conteúdo. Papa Bento XVI. Exortações Apostólicas. Ano de 2010. Documentos. Disponível em: <https://vatican.va/content/benedictxvi/pt/apost_exhortations/documents/hf_ben-xvi_exh_20100930_verbum-domini.html>.

Eternal World Television Network (EWTN). Catholicism. Library. Ecumenical Council of Florence (1438-1445). Sessions 5-8 (1439). Disponível em: <<https://www.ewtn.com/catholicism/library/ecumenical-council-of-florence-1438-1445-1461>>.

JOÃO PAULO II. O inferno como rejeição definitiva de Deus. Santa Sé. Audiência de 28 de julho de 1999. A Santa Sé. Conteúdo. Papa João Paulo II. Audiências. Ano de 1999. Documentos. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/audiences/1999/documents/hf_jp-ii_aud_28071999.html>.